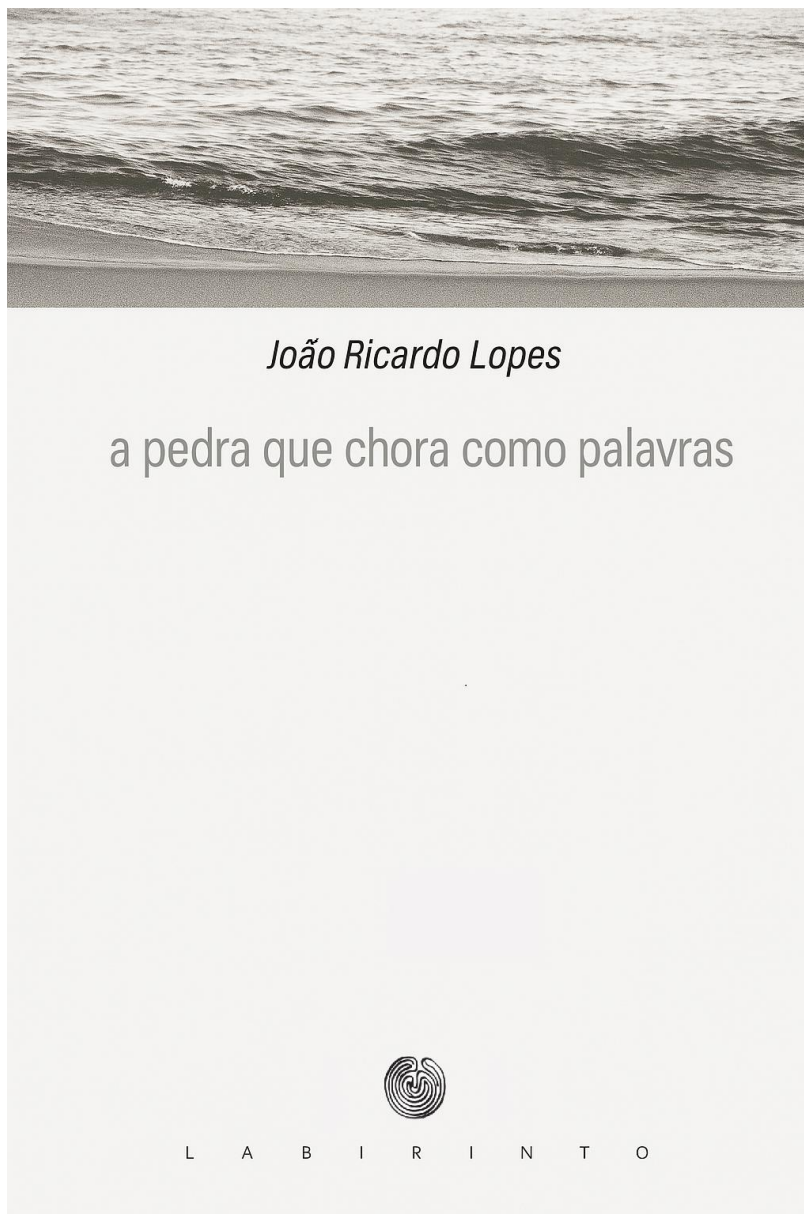


Discurso de Entrega do Prémio Revelação de Poesia Ary dos Santos à obra *A Pedra Que Chora Como Palavras* de João Ricardo Lopes



Caros e caríssimas amigos, permitam-me estender o meu abraço até vós, principiando por agradecer a cada um e a cada uma dos presentes o aqui estarem esta noite, neste espaço benquisto, como é o da Biblioteca Municipal de Grândola, onde hoje acolhemos João Ricardo Lopes, vencedor do Prémio Revelação de Poesia “Ary dos Santos” de 2001, pela obra *A Pedra Que Chora Como Palavras*.

Antes de a autor e obra nos dedicarmos, concedam-me permissão para saudar o Arquitecto Fernando Travassos, edil que mais uma vez nos recebe na venturosa vila

alentejana onde há mais de uma década foi semeado, em colaboração com a Associação Portuguesa de Escritores, este projecto de inquestionável mérito como forma de homenagem ao grande poeta José Carlos Ary dos Santos.

Saúdo muito especialmente, também, os meus bons amigos Manuel Faria Martins e Armando Baptista-Bastos (que por imperativos pessoais não pôde hoje estar presente) e a minha querida amiga Natália Luiza, de quem ouviremos a leitura incomparável de poemas do livro por ora premiado.

Recordo que o Prémio Revelação de Poesia Ary dos Santos nasceu do encontro de vontades e da consagração da liberdade que entendemos constituir não só o respeito pelo passado, como memento o desejo de que o futuro se faça em continuidade com a luta que tantos travaram pela igualdade e pela fraternidade que a canção imorredoura de José Afonso trouxe para sempre a esta terra de Grândola.

E porque, como a Exposição aqui patente justamente titula (*Verba volant, scripta manent – As palavras voam, as escritas ficam*), permitam por último, recordar as vozes dos novos poetas que, desde 1989, foram distinguidas com este galardão e cuja obra passou a fazer-se ler e ouvir no país. Falamos de António Sá (com *Sorrisos e Outros Movimentos*), de Orlando Cardoso (com *Trinta Dias em Maio*), de Valdemar Rodrigues (com *Fractal*), de José Manuel Cardoso Moreira (com *A Idade Intransparente*), de José Xavier Ezequiel (com *20 & 4 Movimentos*), de Fernando Jorge da Silveira e Sousa Fabião (com *Nascente da Sede*) e agora João Ricardo Lopes (com *A Pedra Que Chora Como Palavras*).

Este concurso, de periodicidade bienal, contou este ano com um total de 197 participações, tendo o júri determinado por voto unânime e peremptório a escolha deste pequeno volume de poemas (são apenas trinta e três as composições que o compõem) assinado com o pseudónimo Miguel Rumi, e cujo âmago gostaria agora em palavras exactas desvendar.

Diria que este é um livro de poemas de amor. Diria que um livro de poemas que em jovem e leve pena celebram o afecto devido ao corpo e prazer que por trás do corpo extasiado se esconde. Diria que este é o livro onde a voz do poeta rememora e revive a dois tempos o amor carnal e o amor pela escrita, fazendo-os sincretizar numa só e mesma incursão que o acto de amar-escrever liricamente constrói. Diria que João Ricardo Lopes nos oferece neste seu livro de poemas de amor imagens de inequívoca e esmerada beleza, colocando o ponto de focagem da sua escrita tanto na exaltação dos sentidos (do corpo agudizado pelo amor), como na inquietante correspondência que tal exaltação física despoleta na natureza (atormentada ela própria pelo sentir do poeta), com o que constrói uma original sugestão sexual, que o é ou não, através do entardecer.

Ouçamo-lo nestes versos:

quase sinto o teu corpo tocar-me
como se adivinhara nele o
breve e sinuoso suor, como
das carícias inominadas e
dos traços em fúria
que me furtam às horas a sua
casta e habituada precisão

*

anoitece

talvez sejas o mar e
eu vá descendo pelas pernas
azuis do teu corpo, como
a bola de fogo que se introduz mais dentro
nas linhas demasiadas do caderno
ou nos recônditos músculos
do oceano

Poemas breves, poemas brancos, livres, despidos de título, poemas caminhando uns para os outros (uns dos outros) como se parturidos do mesmo princípio, como se pudessem ser lidos por um ordem arbitrária, ou pudessem ser interpretados como um só poema com as suas variantes infinitas. Poemário metapoético este, seguindo uma rota literária que parece ser a preferida por muitos dos novos autores da nova geração, mas igualmente um cântico às singelas acções do dia-a-dia (o bilhete de comboio, a lareira acesa, o gato siamês aninhado na soleira da porta, o mocho empoleirado, o vidro tocado pelo bafo, a jarra sobre a mesa, o arco-íris plantado no firmamento), mas igualmente um livro de homenagens (à mãe, aos poetas que o formaram, às estações do ano, aos lugares de eleição), mas igualmente uma abertura consciente do caminho literário que veremos doravante desbravar-se.

Vitorino Nemésio, no celeberrimo soneto «A Concha», explica como confecciona a sua escrita, a sua casa, ou seja, “com paciência”, “carregado de inocência”, “Sentado numa pedra de memória”. Podia citar diversos exemplos da impressionante aproximação que est’ *A Pedra Que Chora Como Palavras* faz ao texto nemesiano, desde logo pela apologia do acto criativo entendido como secreção (“segredo na poesia o mundo / e segredo um mundo que é a poesia”), mas que podia muito bem ser o calafetamento interior (“alguém fechou uma porta / devagar // como se de repente, nada / importasse mais do que a nossa presença / entre as paredes de qualquer coisa”), ou a ideia de que através da poesia o sujeito se edifica contra o colosso do mundo e se liberta, paradoxalmente do mundo (“olhando-te por dentro, tu és a casa / ou a nuvem ou a borboleta, sem / raiz alguma que nos prenda”).

A obra vencedora chega-nos de um autor a quem surpreendentemente (24 anos é a sua idade) se lobriga já uma escrita promissora, uma poesia eivada de imagens magníficas e poderosas metáforas, que na minha opinião e na do júri que aqui represento – deixará uma marca na literatura portuguesa, decerto pelo deslumbramento que produzem fragmentos como estes:

as colmeias de luz desciam como pão
às nossas bocas famintas,
mel que dia após dia
levávamos com amor
para os espontâneos versos

Ou destes:

escutávamos o brilho do vento
arrastando para dentro do ouvido os granitos
da noite, minúsculas estrelas a
pairar entre os dentes
como se fossem as letras ...

A Pedra Que Chora Como Palavras é a justíssima vencedora desta sétima edição do Prémio Revelação de Poesia Ary dos Santos, juntando-se a um conjunto de outras obras que mereceram o nosso cuidado e que, nalguns casos, conheceram já a sua primeira edição em

livro. Gostaria, para não me alongar e porque a noite é de celebração, de concluir com estes versos, os quais reenviam para a circularidade caleidoscópica da temática da metapoesia, num espaço e num momento em que entre poetas e palavras nos entendemos.

no outono, quando se oxidam
as folhas
parece-se mais nítido e
perturbador o brilho dos poetas

com os cigarros no casaco
e um bilhete de comboio para parte incerta
anotamos brevemente na pele da mão
que um dia, se voltarmos,
será apenas por este pouco de silêncio
no qual escrevêramos as
melhores palavras

Parecem-me estes versos um maravilhoso ensejo para findar também esta apresentação e este agradecimento que faço ao jovem autor premiado, a quem endereço a minha e a nossa estima e o meu parabém.

Vaticino-lhe uma longa e conspícua vida literária, seguro de que o futuro me não desmentirá.

Grândola, 22 de Outubro de 2001,

José Correia Tavares
(Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Escritores)